

A FUNDAÇÃO

GULBENKIAN

VAI REVER A SUA POLÍTICA EM MATÉ- RIA DE PATROCÍNIO DE PRÉMIOS

Do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian recebemos o seguinte comunicado:

1.º Os grandes prémios de poesia, teatro, novelística e ensaio, da Sociedade Portuguesa de Escritores, foram por esta instituídos, com o patrocínio da Fundação, em 1961;

2.º A Fundação não tem, nem nunca teve, qualquer intervenção, directa ou indirecta, na constituição dos jurys que atribuem os prémios e nas suas resoluções;

3.º Essas resoluções só lhe são comunicadas depois de definitivamente tomadas e não carecem da homologação da Fundação para serem válidas e executórias;

4.º Assim, a Fundação limita-se a subsidiar uma instituição

(Continua na 2.ª página)

ESTRANHEZA

EM ANGOLA

PELA ATRIBUIÇÃO DE
UM PRÉMIO DA SOCIE-
DADE PORTUGUESA
DE ESCRITORES

(Ler na 2.ª página)

ESTRANHEZA EM ANGOLA

PELA ATRIBUIÇÃO DE UM PRÉMIO

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES

LUANDA, 20 — Foi com uma atitude de desprezo que a população consciente de Angola reagiu á noticia de que a Sociedade Portuguesa de Escritores atribuiu, em Lisboa, o «Grande Prémio de Novelística» ao autor do livro «Luanda», José Vieira Mateus que usa o pseudónimo de Luandino Vieira.

A Imprensa e a Rádio desta capital (com excepção de um unico jornal, o diário «ABC — Diário de Angola») não fizeram a mais pequena referência á concessão irracional deste prémio.

Apenas o silêncio. A inação, em muitos, pela estranha inconsciência e incompreensão de individualidades da Metrópole, que parece terem esquecido o ano trágico de 1961. Apenas o desprezo. Esta a reacção digna dos portugueses de Angola.

Esta tarde o «Diário de Luanda» em artigo de fundo subordinado ao título «Que é isto?! Quem nos está traindo?!» escreve:

«Da Metrópole nos veio a noticia. E de espanto esfregamos os olhos: Pois é possível que um terrorista — um dos que fomentaram o drama tremendo que causou tantas vítimas e contra o qual os nossos soldados continuam a bater-se para o conter, para impedir que os crimes de 1961 se renovem — seja premiado em Portugal metropolitano como uma personalidade normal?».

O articulista lembra a seguir que o individuo em questão foi condenado a 14 anos de prisão por um tribunal de Luanda por crimes contra a Pátria, contra a integridade de Portugal, contra a vida e segurança dos portugueses de Angola.

«Pois na Metrópole — prossegue o articulista — há uma entidade que se considera de intelectuais e escritores e entrega-lhe 50 contos recebidos da Fundação Gulbenkian!

Já sabemos, já sabemos: Foi o júri... Mas que espécie de júri escolheu a Sociedade de Escritores?! E como não anulou o concurso ao verificar que o júri era dessa qualidade?

Num país onde houvesse em todos os sectores a noção das responsabilidades o «Luandino Vieira», José Vieira Mateus da Graça, não poderia sequer assistir ao concurso.

Ele não é oposicionista, como tão depressa se fez mandar dizer aos jornais estrangeiros; é um traidor da Pátria.

Compreendemos que a Sociedade Portuguesa de Escritores pode ter sido colhida de surpresa e que nem haja verificado a personalidade dos concorrentes.

Mas o júri sabia; e a Sociedade deveria saber quem são as personalidades que constituem o júri. E todavia escolheu esse júri...

Cabe-lhe pelo menos essa responsabilidade. Cabe-lhe a responsabilidade de haver aceite semelhante veredicto.

Porque onde houvesse um pouco de portuguesismo, este facto — a decisão do júri e o conhecimento da personalidade de quem fora beneficiado com o prémio de «novelística» — devia provocar um movimento imediato de repulsa e a anu-

lação do concurso e a revisão do júri.

«Estão os nossos soldados a bater-se em Angola — continua o jornal —, padecem trabalhos, fadigas e riscos mortais. Muitos deles têm deixado aqui a vida imolada ao servido da Pátria e da defesa dos portugueses de todas as raças e credos que no Ultramar vivem.

Pois bem! Estes soldados que em Angola se batem, pela nossa tranquilidade e segurança, são vilipendidos na Metrópole, são vilipendidos por um júri que dá a sua cumplicidade aos assassinos, incendiários e violadores.

Consente-se?! Fica válido e impune?! Aquil em Angola todos nos sentimos afrontados, tomados de indignação! É uma afronta! Afronta para os nossos soldados! Afronta para todos os que em Angola permanecemos para que Portugal aqui continue. Ousamos dizer que se nos deve uma reparação. Não vale a pena continuar a resistir se a tração nos arranhala pelas costas. Que o pode fazer sem repressão nem sequer desaprovação. Por nossa parte, como portugueses e angolanos, protestamos, protestamos, protestamos!». — (L.).